

MARIAGRAZIA RUSSO*

Os italianos e o porto de Lisboa nos séculos XV e XVI

Neste trabalho tentarei fornecer uma imagem de Lisboa, e sobretudo do comércio na capital portuguesa, através da análise de alguns documentos redigidos por italianos nos séculos XV e XVI.

Ao falarmos de “italianos”, tentamos sempre encontrar, às vezes de uma maneira demasiado descontextualizada, uma identidade cultural unitária e um sistema socioeconómico escassamente diversificado. A verdade é que, devido à fragmentação territorial, a presença dos italianos em Portugal verifica-se por áreas geopolíticas administrativamente diferenciadas, por exigências comerciais de determinados núcleos de parentesco, por movimentos internacionais que levam até ao extremo Ocidente europeu. As fases destes movimentos estão, portanto, ligadas a êxitos históricos e a contingências sociais:

- se os primeiros italianos que entram em Portugal, com Mafalda de Sabóia (1125-1157), esposa de D. Afonso Henriques (1109-1185; casando em 1146), representam um séquito real social e culturalmente marcado no ambiente da alta burguesia e da nobreza, não se pode dizer o mesmo dos navegadores genoveses que chegaram a Portugal no século XIII e XIV como reforço da marinha lusitana;
- se é verdade que as relações que se vão fortalecendo nas primeiras décadas do século XV têm como eixo geopolítico principalmente Génova e Veneza (devido à forte peculiaridade marítima destas duas cidades) e ainda Florença (prevalentemente centro mercantil e bancário), não se pode esquecer, neste circuito

* Università degli Studi Internazionali di Roma, Itália.
E-mail: mariagrazia.russo@unint.eu.

português, a presença dos grupos de Piacenza, Cremona e Milão, que entram no sistema de empréstimo bancário genovês;

- se os florentinos dominaram a cena comercial da Lisboa de Quinhentos, também temos de ter em conta a forte intervenção dos mercadores da Lombardia (Milão);
- e, no difícil século XVII, se os genoveses continuaram presentes no território português, ao lado deles, com funções diferentes e prevalentemente viradas para a vertente militar, não podemos deixar de considerar a presença de alguns napolitanos;
- finalmente: para chegarmos ao século XVIII, se no mundo lusitano, que vai delineando as suas políticas iluminadas, encontramos editores de Piemonte e de Roma, ao lado deles sobressaem também numerosos artistas e homens de cultura.

Neste contexto resulta também abundante a presença de religiosos (desde os núncios apostólicos até aos mais humildes padres), que, mesmo estando ligados a uma entidade não propriamente “italiana”, são nela incluídos. Esta pluralidade de pessoas, de origens, de pertença, de finalidades faz com que seja extremamente complexo oferecer uma visão geral. Mas, além da peculiaridade geográfica ou da identidade cultural e religiosa, existe na Península itálica o forte sistema do núcleo familiar: de facto, a rica documentação espalhada por bibliotecas e arquivos evidencia como o verdadeiro fulcro das relações luso-italianas é o agregado familiar (entendendo por família os grupos definidos quer por consanguinidade, quer por afinidade religiosa). E este conjunto de pessoas, mais ou menos extenso, funciona em termos de ligações individuais e de laços, que, ao longo do tempo, se vão fortalecendo e aumentando ou enfraquecendo e quebrando.

O que parece ligar todas estas diferentes realidades é, no sentido mais amplo do termo, a capacidade de aproveitamento: um aproveitamento sociocultural, baseado na própria afirmação da escada social; um aproveitamento territorial, com vista à expansão dos próprios domínios ou pelo menos à participação deles (em termos quer geográficos, quer ideológico-confessionais); um aproveitamento económico, devido à rapidez com que os italianos souberam em qualquer situação encontrar espaços para manifestar as próprias capacidades e delas tirarem vantagem. Esta habilidade para procurar uma adaptação social fez com que a comunidade italiana em Lisboa se soubesse ajustar cada vez mais a lugares físicos, como casas comerciais, casas de artesanato, tipografias e sobretudo – a partir de 1518 – uma Igreja: a Igreja de Loreto no coração da cidade de Lisboa, que representa um mundo deslocado mas ao mesmo tempo completamente participante com a vida urbana. A permanência (duradoura ou frequente) de famílias italianas dentro dos territórios portugueses e a posição privilegiada que algumas delas detinham junto da Corte lusitana alimentaram o interesse de Itália por esta terra à beira do oceano (Radulet 1991).

Graças às monografias que hoje possuímos sobre os núcleos dos italianos (Caraci 1995)¹ que viveram em Portugal ao longo dos séculos, temos a possibilidade de delinear um quadro da tipologia humana que morava na cidade de Lisboa, desde o momento em que, nos longínquos anos de 1293 e 1317, o genovês Manuel Pezagno se obrigou com D. Dinis “a ter sempre homens de Jénoa sabedores de mar taes que sejam convenientes para Alcaides de galés e para Araizes” e se reservou o direito de utilizar os seus serviços para fins mercantis “em Flandres ou em Jénoa ou em algumas outras partes” (*Monarquia Lusitana* 1672: 191-194)². A partir desta época, em Lisboa, “sabedores do mar” alternaram com almirantes, comandantes, capitães e generais; patrões de navios e armadores; navegadores (e às vezes descobridores e colonizadores), viajantes, comerciantes e mercadores (ocasionalmente contrabandistas); carregadores de navios, fornecedores e importadores de mercadoria italiana, produtores, contratadores, importadores e exportadores.

Neste extenso panorama, a partir dos finais do século XIV, destacam-se alguns banqueiros e operadores de câmbio. O Arquivo di Francesco di Marco Datini (1335-1410) de Prato oferece uma ampla documentação sobre os contactos italo-lusitanos nos finais do século XIV, mais exactamente entre 1365 e 1411. O acervo reúne, além de relatos, diários, registos e outros documentos que reflectem a vivacidade do Renascimento italiano em relação ao mundo europeu, três mil cartas enviadas de Bruges por homens de negócios relacionados com os comerciantes de Lisboa, que descrevem pormenorizadamente a situação económica e política portuguesa da época (Cecchi 1990; Melis 1990; Frangioni 2002; Orlandi 2008; Nanni 2010; Nigro 2010)³. De resto, a presença dos interesses da praça de Bruges para os Portugueses está documentada já a partir de 1194 (Baião, Cidade & Múrias 1937, 94-97).

Além dos Datini, outras famílias de relevo mantiveram neste período fortes ligações económicas com Portugal. Nos arquivos florentinos conserva-se, de facto, extensa documentação dos Salviati, dos Medici, dos Borromei e dos Strozzi, que se referem, ainda que parcialmente, às relações comerciais mantidas entre as cidades italianas e Bruges, Londres e mais raramente Lisboa.

Como era previsível, as relações continuaram e fortaleceram-se durante os séculos a seguir. Para evidenciar algumas importantes relações entre Itália e Portugal no século XV, centrar-me-ei numa família de Florença de Quatrocentos, inserida num sistema comercial luso-italiano que vai mudando também graças a ela: a casa de seguros e de armação da rica família burguesa dos Cambini, cujos membros se dedicaram a operações bancárias e a actividades mercantis depois de terem sido produtores, trabalhadores e vendedores de tecidos de linho. O organismo empresarial (“banco grosso”) que deles (em

1 Este assunto foi abordado mais recentemente nos estudos que têm saído nesta mesma colectânea.

2 A informação, presente na *Monarquia Lusitana*, foi amplamente citada.

3 Fornece-se apenas uma bibliografia essencial sobre o assunto.

particular de Francesco, Carlo e Bernardo) surgiu, entre 1420 e 1482, gerou a imagem do mercador-bancário. O arquivo desta família, abundante em fontes fiscais, conserva-se hoje no *Spedale degli Innocenti* de Florença, onde o património confluuiu depois da queda repentina dos Cambini. Estudos de Federigo Melis e de Sergio Tognetti apontam para a importância deste fundo (Melis 1990; Tognetti 1999; Tognetti 2004).

Os numerosos registos de contabilidade que revelam uma rápida acumulação de riquezas, as declarações cadastrais que evidenciam amplos investimentos de capitais e as actas dos tribunais que relatam analiticamente as mercadorias demonstram como nos mercados do século XV algumas empresas particulares, pertencentes a um sistema microeconómico e aparentemente limitado à cidade de Florença, eram capazes de gerir comércio com toda a Europa e desenvolver estratégias político-sociais, mudando a geografia económica dos interesses das redes mercantis mediterrâneas e orientando as relações entre elites bancárias da cidade de Florença com importantes instituições nacionais. Em particular, a documentação presente no *Spedale degli Innocenti* de Florença (obra que surgiu graças a um legado testamentário deixado pelo próprio Datini), é constituída por 79 registos de contabilidade do banco: 1 livro secreto da empresa, 14 livros-mestres, 21 cadernos-caixa, 16 cadernos-caixa mais pequenos, 19 cadernos de lembranças, 2 livros de entradas e saídas, outros 6 registos de vários assuntos. Trata-se, portanto, por um lado de livros de contas de tipo sintético e, por outro, de livros pormenorizados em que se evidenciam os métodos da acção da família Cambini, as funções dos intermediários e o sistema político e económico lisboeta.

Na documentação examinada por Sergio Tognetti, emergem as relações que os Cambini tiveram com os empreendedores portugueses das épocas de D. João I (1385-1433), do Infante D. Henrique (1394-1460), de D. Duarte (1433-1438) e de D. Afonso V (1438-1481), que fizeram deles uma família de dimensão internacional. É devido a este abrangente horizonte que se pode falar da acção comercial desta família como de uma economia-mundo, fundada nas duas formas principais de comércio: por um lado, um mercado simplificado de intercâmbio de produtos primeiros, como o linho, ou de materiais semitrabalhados em troca de produtos acabados e, por vezes, luxuosos; por outro, uma forma bancário-pecuniária baseada em negócios de câmbio, crédito e alta finança. Os eixos destas operações comerciais articulavam-se principalmente no quadrilátero italiano Florença, Pisa, Veneza e Roma. Só num segundo momento deste percurso comercial entra a cidade de Nápoles, então capital do reino aragonês, com uma estratégia empresarial que se baseia nas relações, entre 1470 e 1490, com importantes banqueiros – como o político Filippo Strozzi (1489-1538, tesoureiro pontifício em Ferrara)⁴, Angelo Cuomo (homem de confiança do Rei de Nápoles, Afonso de Aragão, e activo em toda a segunda metade do século XV) e Nicola Francesco (também conhecido como

4 ⁵ Archivio di Stato di Firenze (a partir de agora ASF), *Carte Strozziiane*, V, 18-20, 24, 25, 28, 29, 31, 33, 34, 37, 38, 43, 46-48.

Colafrancesco) della Lama, “*honorabili viro mercatore*” (Romano 1994, 487) – e, ao mesmo tempo, na troca de sedas na rota da Calábria e dos Abruzos.

A família Cambini teve também relações em termos comerciais (sobretudo troca de tecidos) com as cidades de Palermo e Messina, na Sicília, sobretudo com homens de negócios, tais como o barão mercador e bancário de origem pisana Guglielmo Aiutamicro, filho de uma importante família que se transferiu para a Sicília na primeira metade do século XV, e Giovanni di Domenico Liberi. Estas famílias, assim como outras localizadas na Sicília, serão ponto de referência de um próspero comércio italo-português que se desenvolveu entre os finais do século XV e o princípio do século seguinte. Assim sugere Domenico Ligresti:

In questo scorcio tra XV e XVI secolo, ci troviamo dinanzi a numerose società di piccoli imprenditori e mercanti valide per un solo viaggio o per l'intera stagione di pesca, che inviavano i loro componenti sulle coste atlantiche, ed in particolare nell'Algarve (Portogallo) alla ricerca di pesce da salare e imbarilare in loco, per portarlo poi in Sicilia. Il viaggio avveniva su navi spesso prese a nolo, caricate di merci siciliane che venivano vendute negli scali lungo il percorso, mentre nel viaggio di ritorno insieme al pesce salato si caricavano alte merci occasionali. Esempi sono costituiti dai mercanti de Roberto (socio di Belincasa) che si recò in viaggio da Messina «in partes occidentales seu Portugallis et laus» su vascelli presi a nolo per acquistare tonno, sardine, gioielli, schiavi e qualsiasi altra mercanzia da rivendere lungo la strada del ritorno a Civitavecchia, Roma, Napoli e Messina; Nuccio de Guirrerio (socio di Ippolito de Andrea), che nel 1510 partì per il Portogallo, diretto a Lagos, dove avrebbe impiegato il ricavato della vendita delle merci lungo il percorso per l'acquisto di tonni e sardine fresche da far salare in loco e poi trasportare nel viaggio di ritorno, insieme ad altre merci occasionali quali schiavi, gioielli ed altro; Bernardo Murro, membro di una società mercantile, che veleggiò per il Portogallo insieme a Nicolò De Guirrerio. Nel Quattrocento il governo regio del Portogallo affidò le tonnare del Regno in gestione ad imprenditori e mercanti messinesi, che curavano anche la commercializzazione del prodotto facendo arrivare le navi dalla Sicilia in Portogallo e ripercorrendo all'inverso il tragitto fino a Napoli. Lo stesso accadeva per la produzione dello zucchero, nella quale i mastri siciliani erano tanto esperti da essere ricercati in Spagna, Portogallo, Inghilterra. Praticavano il commercio mediterraneo gli Abrugnale, Nicolò Bonfiglio padrone di una trireme, Aloisio Salerno che risiedeva a Catanzaro dove si faceva spedire zucchero, Giacomo Spadafora proprietario di una galera. (Ligresti 2006, 320-321)

Em relação ao açúcar, o mesmo Ligresti afirma que: “Considerata l'elevata e rara abilità tecnica raggiunta dai mastri siciliani del settore [zuccherificio], vi fu anche una corrente di esportazione di questo personale verso la Spagna e verso il Portogallo” (Ligresti 2006, 352).

Mas foi sobretudo fora de Itália que os Cambini atingiram o maior êxito: a participação nos mercados de Genebra e as ligações com Avinhão e Bruges facilitavam os intercâmbios com o Centro e o Norte de Europa. De resto, em Bruges a corte de Filipe III de Borgonha, o Bom (1396-1467), atraía numerosos artistas, banqueiros e outras eminentes personalidades de toda a Europa. Porém, foi na Península Ibérica que a família dos Cambini teve os maiores proveitos económicos: Barcelona, antes dos problemas políticos que causaram a sua grave crise; Valência, que se tornou uma importante praça

internacional de negócios; e sobretudo Lisboa. Os Cambini perceberam desde o princípio (antes do grande desenvolvimento da capital portuguesa devido à viagem de Vasco da Gama) a importância da cidade de Lisboa na rota atlântica e o papel de relevo que esta cidade iria assumir no panorama europeu.

Na capital portuguesa, os Cambini embarcavam sobretudo, além de produtos afirmados desde a Idade Média como sal, vinho e azeite, substâncias corantes como a grã ou carmim, de Sintra e de Olivença, útil para actividades tintureiras. O carmim português, em particular, era o mais bem pago de toda a Europa, sendo vendido abundantemente na Inglaterra. Na Primavera de 1474 o banco de Niccolò Branchini, por exemplo, comprou uma remessa de 130 libras de grã ibérica (por 54 *fiorini larghi*) que foi enviada pelos correspondentes dos Cambini em Lisboa para a Toscana⁵.

Um produto alimentar relevante para Itália, sobretudo para Génova, Pisa e Veneza, era o açúcar da Madeira, que, para lá chegar (em particular no comércio das famílias dos Marchionni e dos Guidetti), até à primeira metade do século XV, não atravessava o porto de Lisboa (contudo, tinha de por ali passar para ser distribuído no Norte de Europa).

Na capital portuguesa, da qual partiam as mercadorias para todo o território, desde o Minho até ao Algarve, o comércio de produtos simples como o couro (até então limitado a uma difusão mínima no interior do País) converte-se num motivo de selecção de raças animais para uma produção melhor e um incremento maciço da criação de gado bovino. O porto lisboeta torna-se assim o ponto de convergência de enormes quantidades de couro provenientes das áreas quer portuguesas (principalmente do Mondego, do Porto e dos arredores de Lisboa), quer internacionais (sobretudo irlandesas). Em 1474, por exemplo, na Toscana chega uma remessa de 840 peças de couro (por um valor de 390 *fiorini larghi*) provinda da Irlanda: o comprador é o já mencionado banco Niccolò Branchini⁶. A repartição do produto interessa a via mediterrânea, sobretudo Livorno, onde desembarcam 90% da produção, e Pisa, onde se começa a desenvolver a arte do curtume. Lisboa torna-se portanto o principal empório europeu deste produto, remetido para Itália para a criação de objectos com várias utilizações. Com o passar do tempo os florentinos conseguirão introduzir o couro português trabalhado em Itália também no resto de Europa, através do mercado de Bruges, o qual até meados do século XV se tinha abastecido exclusivamente do couro irlandês.

Em quantidade menor, os italianos enriquecem as próprias caixas com produtos portugueses não trabalhados como lã de cabra, sedas de Lamego e coral. A lã é colocada no mercado italiano em concorrência com aquela produzida nos Abruzos. Em 1466, por exemplo, o banqueiro Nello Cinughi e Bonaventura Colombini recebem dos Cambini 14 sacos (ou seja, 3354 libras) de lã ibérica que provém de Lisboa⁷. Em relação

5 AOIF, *Estranei*, 259, cc. 130s, 153s.

6 AOIF, *Estranei*, 259, cc. 130s, 153s.

7 AOIF, *Estranei*, 251, cc. 83, 133, 228; cc. 19v, 56.

à produção têxtil em Florença, mantém-se muito activa durante todo o século XV a laboração da lã, assim como de veludos e vestuários litúrgicos. Na cidade de Lucca, além da seda, afirmam-se manufacturas de brocados e de damascos; em Bolonha tornam-se famosos os trabalhos de tafetá; em Milão e Cremona fixam-se empresas para o emprego do fustão; simultaneamente, do Norte da Europa provêm telas holandesas.

Outro precioso comércio é o do coral. Em 1443, a Coroa portuguesa acorda com “Bartolomeo Florentin” e com um tal Jean Forbin o monopólio, muito frutífero, da pesca deste material; com o tempo ficarão interessados neste comércio, além dos Cambini, outras famílias italianas, como as de Giovanni Guidetti, Domenico Scotti, Marco Lomellino e Bartolomeo Vanni. Ainda ligado à pesca, como se viu em relação às famílias sicilianas, é o comércio do atum e das sardinhas quer *aringata*, quer em salmoura.

Um comércio particularmente activo no porto de Lisboa, registado no Arquivo Cambini, era a venda das escravas que provinham do Senegal e da Guiné: uma presença que deixa entender a variedade étnica e multifacetada que povoava os portos da capital portuguesa, eixo de convergências e ponto de difusão cultural.

O trigo era um dos produtos que seguia, ainda que raramente, as duas rotas: de Itália para Portugal e de Portugal para Itália, dependendo dos períodos e das fases de escassez em cada país. A quantidade maior na época dos Cambini foi enviada numa remessa para Portugal que provinha de Talamone, Porto Ercole e Ansedonia.

Segundo a documentação desta família, os florentinos estantes em Lisboa importavam panos e tecidos em geral, jóias e ouro (sendo a ourivesaria florentina de antiga tradição), óculos (cuja invenção, como sabemos, fora atribuída por alguns historiadores a Salvino degli Armati de Florença), móveis de madeira pintados à mão por pintores florentinos, espadas (sobretudo as de Villa Basilica e dos vales da Lombardia) e produtos em aço (como lâminas e facas que se produziam nas colinas e nas minas da Toscana).

O comércio de livros de vários sujeitos era particularmente proveitoso, sendo registada nos Arquivos de Cambini (com proveniência de Florença, Veneza e Bolonha) a venda em Portugal de livros clássicos (por exemplo o *De finibus bonorum et malorum*, de Cícero), livros de direito (“libri di legge di Bartolo” de Sassoferato) e de teologia, bíblias, breviários, missais (às vezes em miniatura) e códices com iluminuras, livros em hebraico, livros de gramática destinados evidentemente a um público culto e, segundo os casos, a nobres e eclesiásticos. Em Lisboa quem encomendava estes livros eram os florentinos Bartolomeo Marchionni, Giovanni Guidetti e os mercadores judaicos Isac Abrabanel e Mastro Latone. Particular destaque merece a cartografia italiana que provinha de Florença, onde estava sediada a escola de Paolo dal Pozzo Toscanelli (1397-1482): uma documentação que, como se sabe, chegou abundante a Portugal. Eram os chamados *tolomei*, pintados por *dipintori* diligentes, como por exemplo os mestres Antonio e Piero del Massaio, que em 1461 e 1462 trabalharam para o bispo do Algarve Álvaro Alfonso (bispo entre 1453 e 1467). Além disso é conhecida também a rica produção de papel nas zonas de Fabriano, Pioraco e Val d’Elsa, perto de Siena, que tinham óptimos resultados de venda em Portugal.

Com a companhia dos Cambini, os preços tornam-se concorrenciais em toda a Europa; por um lado, é eliminada a presença dos intermediários e, por outro, desenvolve-se o comércio de maneira directa e fora do sistema da incumbência de terceiros. Além disso, a grande carga dos navios, efectuada com uma ou mais embarcações ao mesmo tempo, e a aquisição em grandes remessas dos produtos locais garantem a quebra dos preços. Inaugura-se, portanto, com a família Cambini o comércio de massa.

Uma importante relação entre Portugal e a Península Itálica nos finais do século XV é o intercâmbio cultural gerado por estudantes e professores. Entre os operadores bancários que trabalhavam em sociedade com os Cambini, emergiam os já citados Nello Ciniughi e Bonaventura Colombini. À empresa Ciniughi-Colombini devemos muitas transacções através do banco Cambini em favor de estudantes e mestres universitários portugueses que frequentavam os centros culturais de Siena. Os Cambini representavam nesta fase o ponto de referência para o mundo diplomático e eclesiástico lusitano. Os estudantes e professores vindos de Lisboa, Porto, Évora e outras cidades portuguesas escolhiam Siena, Florença e em geral Itália para aperfeiçoar os estudos e para dar aulas nos meios académicos italianos: a eles devemos algumas cartas de crédito ou de câmbio emitidas por grandes banqueiros florentinos residentes em Lisboa, como Giovanni di Bernardo de Guidetto Guidetti (activo entre 1451 e 1473, sócio e parente dos Cambini) e Bartolomeo di Domenico Marchionni (inicialmente moço de loja dos Cambini e depois sócio de negócios em Portugal). Por vezes, as transacções eram feitas directamente nos bancos florentinos por pessoas abastadas para oferecer o que actualmente chamaríamos bolsas de estudo ou de trabalho (conhecem-se os nomes de quem participava nestas despesas: o já mencionado bispo Álvaro Afonso e a “madonna Filippa”, a filha do defunto príncipe Pedro). Assim, entre 1474 e 1475, encontram-se em Siena, na *Casa de Sapienza*, dez estudantes portugueses num total de 47 estudantes (Minnucci & Kosuta 1989, 27), entre os quais João Lopes (ou Giovanni Loppo), Lopo d’Arca, Sebastião Lopes de Lamego, Guiverado Afonso de Lisboa, Martinho Gonsalvo, Giorgio Martini (irmão do arcebispo de Lisboa), Piero Valascho (ou Vascho), Gonçalo Mendes. Por vezes, os estudantes eram enviados a Itália, regressando depois a Portugal com cargos burocráticos de relevo; é o caso, por exemplo, de Gonçalo Mendes, enviado a Itália por D. João, de onde regressou para entrar na corte do seu patrocinador.

Os nomes mais relevantes que aparecem nos documentos do Arquivo Cambini e que representam esta família em Lisboa são os seguintes: Bartolomeo di Iacopo di Ser Vanni, operativo na capital portuguesa de 1440 até 1462; a família Ghinetti, famosos coureiros (com Giovanni Ghinetti, Piero Ghinetti, presente em Lisboa de 1459 a 1472, e Piero di Giuliano di Piero Ghinetti); e Bartolomeo di Domenico di Marchionne dei Marchionni, presente nos mercados lusitanos desde 1 de Janeiro de 1473. Deste último, que é também o mais importante operador comercial referido na documentação cambiniana, conhecemos o empenho que depositou nas operações ligadas ao caminho para as Índias, bem como as relações que detinha com outros mercadores italianos em Lisboa:

Carlo di Ugolino Martelli (casado, em 1561, com Aurette di Giovanni Medici, e portanto sócio de uma das mais influentes famílias florentinas) e Francesco Muccini, que tinham contactos com navios bretões; e ainda Bernardo di Antonio di Leonardo Gondi, Berardo Gondi, Bernardo de' Pigli, Girolamo Sernigi (1453-depois de 1510) (Radulet 1984) e Luca Giraldi (em Lisboa a partir do ano de 1515) (Alessandrini 2006; Alessandrini 2011), que desenvolveram a própria acção juntamente com Giovanni da Empoli (1483-1518) (Bertuccioli 1985; Romanini 2004; Giuliano da Empoli 2008), o comerciante que tratou dos produtos da viagem de Albuquerque à Índia, em 1503.

Outras companhias comerciais controlavam em Lisboa, através dos Cambini, o comércio de Bruges (Girolamo Frescobaldi e Filippo Gualterotti) e de Leão (Antonio Gondi e Giovanni Vecchietti). De Bruges provém também um tal Martim Lem, definido na documentação florentina como português ou como “um Flamand de Bruges”: encontramos-nos provavelmente perante um flamengo originário de Bruges naturalizado em Lisboa, o que demonstra que era frequente a deslocação temporária de vários mercadores europeus, a qual, com o tempo, se transforma em sedentária, modificando lentamente o panorama urbano lisboeta.

Às correntes de intercâmbio entre Lisboa e Bruges, através de intermediários italianos, interessam produtos têxteis, que viajam de norte para sul, e o azeite de Santarém, que percorre a trajectória contrária da rota para Silanda. Através da documentação cambiniana, é possível ver como a frota do estado de Florença era sustentada por outros navios que provinham da Bretanha, ou por embarcações privadas flamengas, inglesas, normandas, bascas, andaluzas, catalãs e provençais que passavam nos portos de Lisboa. Os documentos do Arquivo Cambini deixam claramente entender que, para entregar a mercadoria em toda a Europa, esta família florentina servia-se de barcos, pondo em acção uma verdadeira competição de empreitada para escolher os melhores preços. Uma vez que os venezianos e os genoveses ainda não estavam interessados no extremo Ocidente europeu, os portugueses representavam a frota mais competitiva em relação a preços e quantidade de mercadoria transportável. Desta maneira, acontecia frequentemente que a partir da capital portuguesa partissem caravelas e baleeiros lusitanos com destino a Itália, por encargo dos operadores florentinos, interessados nos percursos Madeira-Lisboa-Livorno-Pisa, Madeira-Lisboa-Irlanda, Madeira-Lisboa-Bruges. Os portugueses manifestavam-se sempre disponíveis para partir para responder às necessidades da família Cambini. Devido a esta urgência cada vez mais imperativa, em Portugal começou a incentivar-se a marinha mercantil e a construção de barcos mais amplos para as crescentes exigências do comércio italo-lusitano.

Os créditos portugueses representavam um quarto do orçamento do banco, mas os documentos evidenciam uma incapacidade por parte dos Cambini para fazer com que estes fundos voltassem à Toscana. Infelizmente, a flutuante economia e a mobilidade das forças económicas europeias fizeram com que, quando em 1479 houve em Itália uma epidemia de peste e a carestia de cereais, rapidamente se desenrolasse o processo de

bancarrota da família Cambini. Mas a importância desta família para o desenvolvimento do comércio italo-lusitano foi tão considerável, que a partir deste momento os negócios europeus não podiam deixar de ter em conta o sistema encaminhado por este grupo de italianos, que foi capaz de organizar num período de sessenta anos uma rede internacional de contactos, mudando o sistema do comércio interno português, orientando diferentemente as relações comerciais entre as cidades italianas e começando a impor em toda Europa alguns produtos lusitanos.

No século seguinte, com as vias abertas para a Índia, as companhias italianas voltarão a tomar os mesmos caminhos abertos por estes tráficos comerciais. Em todo o século XVI a presença italiana no território português continuará frequente, aumentando quer a tipologia de negócios que se irão desenvolver, quer as relações político-económicas entre os dois países. Algumas famílias presentes na cidade de Lisboa já nos finais do século XV tornar-se-ão, com o passar do tempo e sobretudo com a chegada das grandes remessas de mercadoria asiática, mais fortes e mais potentes, dominando a cena do comércio internacional e principalmente italo-lusitano.

Entretanto, continuam a chamar a atenção as imagens de Portugal dos finais do século XVI, com uma situação política diferente, deixadas por dois documentos anónimos que habitualmente chamamos *Retrato* e *Riverso* (Russo 2018). Alguns exemplos podem ajudar a entender a polifacetada interpretação de uma cidade portuária onde deviam abundar contradições: as descrições, respectivamente eufórica e disfórica, fornecidas por viajantes italianos representam a dupla leitura de uma realidade complexa e de difícil compreensão. O *Retrato* assim descreve em poucas frases a cidade de Lisboa: “che è la più principal Città del Regno e populatissima et molti credono che da Parigi in fuori sia quella che fra Christiani habbia maggior habitatione”; “ornata di molti tempij devoti, et ricchi, et acluni di essi di raggionevol bellezza, et in tutte si fanno gli’uffitij divini solenissimamente”; “Vi sono di molte case di particolari belle, et comode, l’uscite della Città sono piacevoli, perche alcune godono la vista del Rio, et della Terra solamente”. Completamente diferente é a imagem de Lisboa que no mesmo período, ou depois de pouco tempo, faz o *Reverso*:

La Città di Lisbona, che non solamente é la più nobile, e la maggiore, ma si può dire che ella sola, sia tutto il Regno, é non solamente nobile, smurata, ma é la più sporca, e la più brutta di tutte, perche se ben posta in riva di si gran fiume, et alquanto montuosa, non hanno ancor avuto tanto ingegno di farvi de canali, per dove l’immonditie corrano al Rio. Onde convenendo gettar l’aque e tutte l’immonditie per le Porte, e per le finestre in istrada. Le medesime strade vengono ad esser i condotti delle spurcitie, oltre a che le negre sogliano portare di giorno al mare i vasi degli escrementi che spesse volte loro cascano per le strade, e sopra cui le urta e quelli casente, che sopra ogni pelo han fatto una legge non hanno ancor saputo comandare, che siano portati di notte.

São apenas duas imagens de uma mesma realidade examinada por dois olhares diferentes. Estas leituras circulam amplamente na Europa de finais de Quinhentos, tendo sido encontradas por A. H. Oliveira Marques (Marques 1984) numa cópia de Seiscentos na

Biblioteca de Hanôver, e por Carmen M. Radulet (Radulet 1997) na *Biblioteca Nazionale* de Florença. A estes dois exemplares junta-se um *Retrato* (sem *Reverso*) datado de 1580 presente na Biblioteca Apostólica Vaticana, no Fundo Barberini⁸, que permite datar com certeza a obra em questão até agora sem datação explícita: este exemplar é do século XVI e tem como título *Ritratto del Regno di Portogallo. 1580*. Contudo, trata-se apenas da primeira parte do *Ritratto*, à qual não segue nenhum *Riuerso*, sinal de que houve pelo menos um período em que os dois textos circularam divididos. Além disso, o manuscrito entra numa colectânea que tem o título *Oratorum Venetorum relationes et historia varia*, que poderia reconduzir o texto ao ambiente diplomático veneziano. De resto, os contactos que Veneza tinha com Portugal eram profundos e, em certa medida, necessários quer para as lutas contra o Turco sempre às portas, quer para as urgentes questões económicas que tinham posto de lado a “Sereníssima”. De todos os exemplares até aqui contemplados, o da Biblioteca Apostólica Vaticana é o único que tem data: 1580⁹. O manuscrito (pelo menos o *Ritratto*) pode, portanto, ter uma colocação cronológica certa¹⁰.

No Fundo Confalonieri do Arquivo Secreto Vaticano existe mais um exemplar deste precioso documento¹¹, que remonta à última década de Quinhentos. Este Fundo recolhe os papéis de Giovanni Battista Confalonieri (1561-1648), secretário de Fabio Biondi da Montalto, que esteve em Portugal de 1592 a 1596. Giovanni Battista Confalonieri, cuja família, originária do Norte de Itália, pertencia provavelmente àquela nobreza decadente frequente na Europa do século XVI, foi educado pelos Jesuítas no Colégio Romano, conseguindo o título de *Doctor philosophiae et sacrae theologiae*. Ordenado sacerdote em 1590, Confalonieri trabalhou primeiramente como secretário particular do cardeal Alfonso Gesualdo e depois como canónico na Sé Catedral de Velletri. Em 1592 foi a Lisboa como secretário de Fabio Biondi da Montalto, patriarca de Jerusalém e colector de Portugal sob Clemente VIII. Viveu em terra lusitana até 1596, quando Biondi, no mês de Outubro desse ano, foi substituído por Ferrante Taverna, devido a questões políticas com as autoridades portuguesas. Antes de partir para Portugal, ou mesmo no período em que se encontrava em Lisboa, Giovanni Battista Confalonieri provavelmente mandou copiar o *Ritratto et Riuerso* que circulava manuscrito no ambiente italiano e no meio eclesial. A presença deste documento num Fundo de um secretário da nunciatura mostra como no ambiente eclesial o texto circulava com facilidade.

8 Biblioteca Apostolica Vaticana (= BAV), *Urbinate Latino* 82, I. Uma cópia deste manuscrito encontra-se na Biblioteca da Ajuda: *Rerum Lusitanicarum*, vol. XI, “Symmicta Lusitanica ex Mss Codicibus Bibliothecae Apostolicae Vaticanae aliarumque Urbis”, t. 4.º, 46-ix-11, ff. 9-117.

9 Perante esta datação, não valeu a pena neste contexto considerar as conjecturas feitas por Dell’Aira (2005), que atribui a paternidade do texto ao ambiente ligado ao cremonês Cesare Speciano, nuncio apostólico em Madrid de 1586 a 1588, sendo o *Ritratto* já em circulação em 1580.

10 Poderíamos ainda supor que a data presente no exemplar da Biblioteca Apostólica Vaticana não se refere ao texto mas ao momento da cópia: de toda a forma esta representaria um limite *ad quem*.

11 Archivio Segreto Vaticano, *Fondo Confalonieri*, 44, ff. 1-11v (*Ritratto*) e 13-27 (*Riuerso*). A cota antiga era “43 to. XVIII”.

Em relação à imagem que este texto fornece da cidade de Lisboa, e em particular do porto da cidade, é interessante reparar como no *Ritratto* se faz referência à Sicília, afirmando que em Lisboa se carregava pimenta sem sacos, exactamente, “a quella guisa, che si carica in Sicilia il formento” (“à maneira como se carrega na Sicília o trigo”) (Marques 1984, 109). Em termos económicos, destaca-se também outro detalhe: “Nel tempo ch’io steti in Portogallo fece S. beatitudine un bellissimo decreto sopra i cambij, e sopra gli interessi aprouando i leciti, dannando gli illeciti, e dichiarando come poteuano usarsi, e in qualle cose, doue l’uso hauea dannao si, che pareo non poteruisi rimediare per all’hora amoniua, et essortaua”, que se poderia referir, em nosso entender, à bula *Reformatio contractuum de annuis censibus*, emanada pelo papa Pio V, Ghislieri (pontificado: 1566-1572), no dia 19 de Janeiro de 1569, na qual se apresentavam disposições sobre os contratos censurais, regulamentando a complexa matéria dos empréstimos. O autor do *Riuerso* (se quisermos julgar as marcas internas ao texto como indícios identificativos) esteve portanto em Portugal sob o pontificado de Pio V, entre 1569 (data da bula) e 1572 (data da morte do pontífice). De maior relevo, para identificar o ambiente que pode ter produzido a obra em questão, poderiam ser eventualmente as atitudes contrárias aos judeus tomadas pelo autor do texto, que parecem reconduzir aos ambientes ligados sobretudo aos papas Pio IV, Medici (1499-1565; 1559) e Pio V. De facto, Pio IV ordenou que os judeus fossem fechados nos *ghetti* e Pio V, através da bula *Hebraeorum gens*, de 1569, expulsou-os de todo o Estado pontifício (excluindo Roma e Ancona). No mundo diplomático pontifício era usual fazer descrições que ajudassem a compreender a realidade político-cultural na qual os núncios iam ser operativos. E os diplomatas, antes de partirem para as terras de destino, provavelmente trocavam material ou mandavam transcrever textos que lhes permitissem perceber melhor os países longínquos: a leitura destes materiais tornava-se fundamental para o conhecimento prévio ou mais aprofundado do local de chegada. Será esta a razão por que, no Fundo de Giovanni Battista Confalonieri, do *Archivio Segreto Vaticano*, encontramos os textos do *Ritratto et Riuerso*.

Mas não é apenas o ambiente diplomático eclesial que, nesta época, entra em Lisboa deixando preciosos materiais descritivos. Veneza tinha naquele período muitos interesses comerciais e políticos na Península Ibérica, como o testemunham algumas relações estabelecidas pelos embaixadores venezianos que ainda hoje se conservam. O *Ritratto e Riuerso* no manuscrito florentino encontra-se juntamente com outras *Relazioni di ambasciatori* e, no manuscrito da Biblioteca Apostólica Vaticana, aparece ao lado de numerosos relatos dos oradores de Veneza. Outras relações desta mesma época estão incluídas na obra *Relazioni degli ambasciatori veneti al Senato*, publicadas por Eugenio Alberi em meados de Oitocentos (Alberi 1839-1863).

Entre estas relações destaca-se a de Antonio Tiepolo (1526-1582), embaixador da Senhoria de Veneza em Espanha e Portugal, em 1571-1572, cobrindo toda a época de D. Sebastião (1554-1578), no que diz respeito a Portugal. É uma descrição

pormenorizada¹², em que o autor trata todos os domínios portugueses, as riquezas neles contidas e os aspectos comerciais, as forças militares e a capacidade de reacção contra o Turco, bem como a personalidade do Rei D. Sebastião, de todas as personagens eminentes da época e do cardeal D. Henrique, tio do monarca. O género a que estes textos pertencem parece coincidir com a tipologia do *Ritratto*: são relatórios codificados na forma e na estrutura, destinados ao Senado veneziano com claros fins estratégicos e políticos, que evidenciam alguns aspectos particularmente relevantes da situação económica e social da época; através de uma narração enxuta e essencial, oferecem uma descrição circunstanciada de alguns factos ocorridos, informações obtidas, dados recolhidos, projectos subjacentes. O estilo é prevalentemente técnico porque pretende descrever pormenorizadamente situações sociais, mas ao mesmo tempo a frase é simples e linear porque destinada à oralidade, a ser ouvida por um amplo público.

Relacionada com este embaixador veneziano, existe uma *Relazione della Corte di Portogallo, fatta dal cortigiano del Tiepolo ambasciator per la repubblica di Venezia appresso Don Sebastiano*, registada no catálogo dos manuscritos italianos da *Bibliothèque Nationale* de France, redigido por Antonio Marsand (Marsand 1835, n. 338)¹³: como se pode ver pelo título, também os homens da corte participavam na redacção de relatos que pudessem eventualmente despertar interesse e curiosidade junto do público. Descrever e fazer circular as próprias relações podia representar para os cortesãos de regresso das missões diplomáticas uma forma de comércio e de subsistência: constituiria essa uma das formas de difusão e de circulação de alguns textos deste género por toda a Europa.

Na mesma recolha publicada por Eugenio Alberi (Alberi 1839-1863, 336), há uma *Relazione di Spagna*, de Gianfrancesco Morosini (1537-1596), embaixador da Sereníssima, datada de 1581, na qual aparecem trechos que chamam a atenção para o ambiente e a forma como viajavam os embaixadores. Aí se destacam sobretudo dois “clarissimi ambasciatori Tron e Lippomano”, que tinham de se congratular com o rei Filipe II pela aquisição de Portugal. “Di questa ambascieria straordinaria del Tron e del Lippomano – acrescenta o editor Eugenio Alberi –, che ebbe luogo con decreto del li ottobre 1580, non si conosce la relazione.” Estamos portanto perante uma embaixada veneziana, realizada por duas pessoas (Vincenzo Tron e Girolamo Lippomani) (Gullino 2005)¹⁴, ocorrida em 1580. Em particular, o patricio veneziano Girolamo Lippomano era “legatissimo alla corte madrilena”. À afirmação de Eugenio Alberi de que desconhece a *Relazione* de Tron e de Lippomano, podemos acrescentar algumas informações.

No Fundo *Reginense latino*¹⁵ (Hübner 1869; Farinelli 1942-1979, 307; Tellechea Idígoras 1965; Caucci von Saucken 1982, 9-29; Salamanqués Pérez & Vallejo Girvés 2002; *Il Pellegrinaggio a Santiago di Compostella*) da Biblioteca Apostólica Vaticana,

12 O título é *Relazione Antonio Tiepolo tornato ambasciatore straordinario dalle corti di Spagna e di Portogallo 1572*.

13 O texto que nos interessa é o VII. Este manuscrito foi publicado em Mercadal 1959.

14 Veja-se, nesta entrada do dicionário, a ampla recolha de fontes e a rica bibliografia.

15 Fondo Reginense Latino 949, *Commentarii per Italia, Francia, et Spagna l'anno MDLXXX*.

existe uma pormenorizada descrição de uma viagem feita por Vincenzo Tron e Girolamo Lippomano, entre outros, na Península Ibérica por ocasião da aquisição de Portugal por Filipe II. Nesta relação descreve-se todo o percurso desde Veneza até Espanha, Portugal e França, escrito por um “ignoto” anotador, provavelmente ao serviço de Andrea Marcello e de Angelo Gradenigo. Ao lado de Lippomano e Tron, encontra-se, com o papel de secretário, Girolamo Ramusio, o Jovem (1555-1610) (Gullino 2005¹⁶; Cicogna 1827, II, 555-557). Note-se que a ideia de os secretários serem incumbidos de relatar diários de viagem é um ponto sobre o qual a historiografia concorda unanimemente, havendo mesmo testemunhas directas¹⁷. Ao chegar a Portugal, Lippomano e Tron encontram o embaixador veneziano Gianfrancesco Morosini, cujo secretário era Paolo Dardani¹⁸. Dardani manteve estas funções após a vinda (pouco anterior à de Lippomani e Tron) de Matteo Zane, representante diplomático de Veneza que veio substituir Morosini. Assim, durante alguns meses do ano de 1581, na cidade de Veneza convivem Gianfrancesco Morosini, Matteo Zane, Girolamo Lippomano e Vincenzo Tron (Bouza 1998, 52-53)¹⁹, acompanhados pelos secretários Anton Paoluzzi, Paolo Dardani, Girolamo Ramusio e Giabatta Padovino, este último o provável cronista do documento do Fundo *Reginense*.

Neste contexto é possível examinar a extensa relação do Fundo *Reginense*, situando o género da odepórica diplomática na questão mais ampla questão da circulação textual. Na f. 80 deste relato começa a descrição de Portugal: “Il Regno di Portogallo è una piccola parte della Spagna collocata nell'estreme sponde del Mare Oceano, quello che gl'antichi chiamavano Lusitania da Luso”. Não é difícil nesta frase entrever o *incipit* do *Ritratto*, do qual encontrámos (com algumas variantes gráficas) testemunhos espalhados por numerosos arquivos e bibliotecas: “Il Regno di Portogallo é una picciola parte della prouintia della Spagna situata nell'estreme sponde del mar Oceano, quella che anticamente chiamauano Lusitania”. Depois o texto do Fundo *Reginense* continua com uma descrição histórica para chegar ao seguinte passo: “ha li suoi confini da Levante con la Castiglia, da ponente con l'Oceano, da tramontana con la Gallicia et da mezzogiorno con l'Oceano”, que parece coincidir com o do *Ritratto*: “termina dal leuante con i Regni di Castella, del ponente con l'Oceano, da Tramontana con la Galitia, et da mezo giorno parte con l'Oceano, et parte con l'Andaluzia”. E, só para continuarmos a propor alguns exemplos:

16 S. v. Lippomano.

17 Só para dar um exemplo, a já mencionada *Relazione* de Gianfrancesco Morosini tinha a seguinte passagem, na qual se percebe que quem escreve é o mesmo secretário: “Ho avuto per mio secretario messer Anton Paoluzzi qui presente, del quale io resto compitamente sodisfatto”. Sobre o papel dos secretários como redatores dos diários de viagens, cf. Maczack 1996, 181-182.

18 Existe um relato de viagem de Paolo Dardani, de Madrid a Lisboa em 1578 (cf. Farinelli 1942-1979, 299), no Museu Correr de Veneza: *apud* Salamanqués Pérez & Vallejo Gírvés 2002, 957, nota 13.

19 Carta VI: Lisboa, 14 de Agosto de 1581, “Allá creo tendreis quatro embajadores de Venecia que se han despedido por de mí” (a citação encontra-se em Salamanqués Pérez & Vallejo Gírvés 2002, 958, nota 18).

Reginense latino	Ritratto
Si divide in 6 provincie, che chiamano comarche, cioè Alenteio, Estremadura, Trà Duero et Migno, tra los Montes, Labeira, et Algarbe, la qual'ultima parte è tenuta per Regno [...].	[...] si divide in sei provintie, che chiamano Comarche, cioè Alentejo, Estremadura, Tradoro et Miugno, tras os Montes, la deira, et l'Algarue, benche quest'ultimo si chiama anco con nome di Regno.
La circonferenza del Portogallo è di 285 Leg. 135 di costa di mare 150 di terra [...].	Gira et ha circonferenza ducentottantacinque leghe, le centotrentacinque di costa di mare, le centocinquanta di terra [...].
Questo Regno si può dire sieda nella più bella parte del Mondo, non per bellezza, ch'egli habbia in se ma per esser in mezo di molti gran Regni, commodo per le antiche e o per le moderne navigationi, perché volgendo la faccia all'occidente dalla destra ha la Galicia, la Biscaia, la Franza, l'Inghilterra, la Fiandra, l'Alemagna et gli altri paesi settentrionali, in fronte le isole Canarie con l'Indie occidentali et dalla sinistra l'Andalusia et lo Stretto di Gibilterra.	Il Regno tutto insieme si può dire, ce sieda nella più bella parte del mondo, non per bellezza, ch'egli abbia in se, ma per esser in mezo di molti gran Regni, comodo per le antiche, et per le moderne nauigationi; perche volgendo la faccia all'occidente dalla destra ha la Galitia, la Biscaia, la Francia, l'Inghilterra, la fiandra, et l'Alemagna, et gl'altri paesi settentrionali, di fronte ha l'Isole con le Indie Occidentali; dalla sinistra l'Andalusia, lo stretto di Gibilterra.

E podemos acrescentar mais um trecho, que sublinha a coincidência entre estes textos: no *Reginense*, “queste navi ricaricavano poi per Lisbona generi senza sacchi dell’istessa maniera che si fa il grano in Sicilia”, e, no *Ritratto*, “le navi uengono caricate coi pepi senza sacchi, a quella guisa, che si carica in Sicilia il formento” (f. 108).

Não há dúvida de que estes dois textos estão relacionados. O manuscrito *Reginense* é muito mais extenso, fornecendo mais notícias históricas, informações sobre ordens de cavalaria e temas religiosos, sobre igrejas e mosteiros, misericórdias, confrarias, hospitais, etc. Por seu turno, o *Ritratto* tem apenas descrições geográficas e esclarecimentos sobre o sistema de justiça, que no *Reginense* ocupa as ff. 115v-117. Poderíamos pensar que o *Ritratto* seria apenas um extracto do relato mais amplo, mas no princípio do diário conservado no Fundo *Reginense* uma frase faz também supor outra hipótese: “in questi commetarij, che disegno, discriverò delle cose avvenutemi, veduti, letti, et osservati, così da me stesso, come inoltre per relatione altrui, in un viaggio di quasi nove mesi, per

parti dell'Italia, per la Spagna, et la Franza”²⁰. O secretário que redige este texto declara portanto abertamente que a sua não é uma relação completamente pessoal e original: ele baseia-se no que vê, no que ouve, mas também no que lê e em *relatione altrui*.

Esta combinação de textos permite assim reparar que existe uma ampla circulação de documentos através do sistema de cópias total ou parcial. Foi através desta complexa modalidade intratextual e neste ambiente multicultural que podem ter nascido o *Ritratto* e o *Riuerso*. A tipologia deste dúplice relato, muito parecida com as relações de embaixadores venezianos; a referência apenas lateral de tudo o que é mundo religioso e, ao contrário, a riqueza de pormenores de tipo jurídico; a leitura binária onde, ao mesmo tempo, os traços se opõem e complementam; a presença do texto em miscelâneas ligadas aos oradores da Sereníssima; o facto de estarem presentes na cidade de Lisboa, por uma particular contingência histórica, muitos representantes da Sereníssima que bem poderiam ter jogado com as diferentes vertentes numa mesma situação; e, por fim, o facto de longos trechos serem inseridos em vários textos da mesma tipologia descritiva – todos estes aspectos fazem com que o *Ritratto* e o *Riuerso* circulassem amplamente no meio diplomático veneziano na época de transição entre o governo henriquino e a monarquia ibérica. Ao mesmo tempo não é totalmente descartável a hipótese de que um texto provenha do ambiente eclesiástico e outro, igual e contrário, do ambiente diplomático veneziano, pondo assim em evidência os dois mundos com olhares diferentes.

O *Ritratto* e o *Riuerso* representam, por um lado, a abundante circulação dos relatórios no ambiente diplomático, por outro, a ampla produção de um género literário que é fruto de uma miscigenação textual que cada vez mais se vai codificando e estruturando para oferecer o ponto de vista dos italianos sobre a cidade de Lisboa, tão relevante para o comércio e para a política europeia. Com a sua circulação, estes textos determinavam escolhas económicas e políticas, opções comerciais, movimentos de mercadorias por uma ou outra trajetória. São estes textos que nos oferecem a realidade histórica multicultural de uma cidade portuária como Lisboa que, se por um lado eclodiu na sua riqueza dos finais do século XIV até à primeira metade do século XVI, agora – neste final de século – se vê constringida, devido às mudanças políticas, a uma leitura e a uma interpretação duplas e contraditórias.

Referências

ALBERI, Eugenio. 1839-1863. *Relazioni degli ambasciatori veneti al Senato raccolte, annotate ed edite da* -. Firenze: Tipografia e calcografia all'insegna di Clio, serie I, t. XIII (consultável no site: http://www.archive.org/stream/s1relazionidegli05albuoft/s1relazionidegli05albuoft_djvu.txt; última averiguação em 13 de Fevereiro de 2011).

- ALESSANDRINI, Nunziatella. 2006. “La presenza italiana a Lisbona nella prima metà del Cinquecento”. *Archivio Storico Italiano* 164 (1) (607) (gennaio-marzo): 37-54.
- ALESSANDRINI, Nunziatella. 2011. “Contributo alla storia della famiglia Giraldi, mercanti banchieri fiorentini alla corte di Lisbona nel XVI secolo”. *Storia Economica* 14 (3): 377-407.
- BAIÃO, António, Hernâni Cidade e Manuel Múrias. 1937. *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. I. Lisboa: Editorial Ática.
- BERTUCCIOLI, Giuliano, 1985. s. v. da Empoli, Giovanni, *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 31. Roma: Treccani.
- BOUZA, Fernando. 1998. *Cartas de Felipe II a sus hijas*. Madrid: Akal.
- BRANDÃO, Francisco. 1672. *Monarquia Lusitana*, vol. VI.
- CARACI, Ilaria Luzzana. 1995. “La letteratura di viaggio dell’epoca delle grandi scoperte. Problemi di definizione e di método”. *Notiziario del Centro Italiano per gli Studi Storico-Geografici* 3(3): 3-12.
- CAUCCI von Saucken, Paolo Giuseppe. 1982. “I testi italiani di viaggio e pellegrinaggio a Santiago de Compostela”. In *I testi italiani del Viaggio e Pellegrinaggio a Santiago de Compostela e Diorama sulla Galizia*, 9-29. Perugia: Grafiche Benucci.
- CECCHI, Elena (a cura di). 1990. *Le lettere di Francesco Datini alla moglie Margherita: 1385-1410*. Prato: Società pratese di storia patria.
- CICOGNA, Emmanuele Antonio. 1827. *Delle iscrizioni veneziane raccolte ed illustrate*. Venezia: Presso Giuseppe Picotti Stampatore.
- DELLAIRA, Alessandro. 2005. *Grandezza e magnificenza della città di Lisbona. Dalle carte di Giovanni Battista Confalonieri segretario del collettore apostolico (1593-1596)*. Rovereto: Nicolodi.
- FARINELLI, Arturo. 1942-1979. *Viajes por España y Portugal desde la edad media hasta el siglo XX: nuevas y antiguas divagaciones bibliográficas*. Roma: Reale Accademia d’Italia.
- FRANGIONI, Luciana. 2002. *Chiedere e ottenere: l’approvvigionamento di prodotti di successo della bottega Datini di Avignone nel XIV secolo*. Firenze: Opus Libri.
- GIULIANO DA EMPOLI. 2008. *Canton Express. Due viaggi in Oriente (1503-2008)*. Torino: Einaudi.
- GULLINO, Giuseppe. 2005. *Dizionario biografico degli italiani*, vol. 65, s. v. Lippomano Girolamo. Roma: Treccani, visível em [http://www.treccani.it/enciclopedia/girolamo-lippomano_\(Dizionario_Biografico\)](http://www.treccani.it/enciclopedia/girolamo-lippomano_(Dizionario_Biografico)).
- HÜBNER, Emil. 1869. *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berlino: Reimer.
- LIGRESTI, Domenico. 2006. *Sicilia aperta (secoli XV-XVII). Mobilità di uomini e idee*. Palermo: Associazione Mediterranea.
- MACZACK, Antoni. 1996. *Viajes y viajeros en la Europa Moderna*. Barcelona: Omega.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. 1984. “Uma descrição de Portugal em 1578-1580”. Apresentação, transcrição do documento, tradução do italiano e notas de -. *Nova História. Século XVI* 1: 83-143.
- MARSAND, Antonio. 1835. “338. Collezione di scritti politici e diplomatici, che si riferiscono specialmente alle Corti di Roma, di Francia e di Spagna. Quattro volumi cartacei, in 4° caratteri corsivi, secolo XVII e XVIII di buona conservazione”. In *I manoscritti italiani della Regia Biblioteca parigina*. Parigi: Stamperia Reale.
- MELIS, Federico. 1990. *I mercanti italiani nell’Europa medievale e rinascimentale*. Firenze: Le Monnier.

- MERCADAL, José García. 1959. "Antonio Tiepolo, Relación de la Corte de España escrita por un gentilhombre del séquito de Antonio Tiepolo, que fue embajador cerca del Rey Católico", ms. 10090, documento VI de la Biblioteca Nacional de Paris. In *Viajeros extranjeros por España y Portugal*, 2 vol. Madrid: Aguilar.
- MINNUCCI, Giovanni, e Leo Kosuta. 1989. *Lo Studio di Siena nei secoli XIV-XVI. Documenti e notizie bibliografiche*. Milano: Giuffrè.
- NANNI, Paolo. 2010. *Ragionare tra mercanti: per una rilettura della personalità di Francesco di Marco Datini (1335 ca-1410)*. Pisa: Pacini.
- NIGRO, Giampiero (dir.). 2010. *Francesco di Marco Datini: l'uomo, il mercante*, Fondazione Istituto internazionale di storia economica. Prato: F. Datini.
- ORLANDI, Angela (dir.). 2008. *Mercanzie e denaro: la corrispondenza datiniana tra Valenza e Maiorca (1395-1398)*. Valencia: Universitat de Valencia.
- Il Pellegrinaggio a Santiago di Compostella e la letteratura jacoepa in Italia*. In <http://www.geocities.com/Athens/Olympus/5406/lettjac.html>.
- Pèlerins illustres et récit de voyages*, in http://www.xacobeo.es/trad_fran/ftrad_peregr.htm.
- RADULET, Carmen M. 1984. *Girolamo Sernigi e a Importância Económica do Oriente*. Lisboa: Biblioteca Geral.
- RADULET, Carmen M. 1991. *Os Descobrimentos Portugueses e a Itália. Ensaios filológico-literários e historiográficos*. Lisboa: Vega.
- RADULET, Carmen M. 1997. "Um retrato italiano do Reino de Portugal no século XVI". *Mare Liberum* 14: 99-114.
- ROMANINI, Fabio. 2004. "Sul primo 'Viaggio fatto nell'India' di Giovanni da Empoli (1504)". Con una nuova edizione. *Filologia Italiana* I: 127-160.
- ROMANO, Daniela (dir.). 1994. *Napoli. Marino de Flore, 1477-1478. Cartulari notarili campani del XV secolo*. Napoli: Edizioni Athena.
- RUSSO, Mariagrazia. 2018. "Ritratto et Riuerso del Regno di Portogallo: relações diplomáticas italo-lusitanas nos finais do século XVI". In *Diplomacia e Transmissão Cultural. Actas*, coord. Teresa Leonor M. Vale, Maria João Pacheco Ferreira. Lisboa: Althum.com.
- SALAMANQUÉS PÉREZ, Virginia, e Margarita Vallejo Gírvés. 2002. "Bourdelot: Un viaje diplomático-anticuarista por la Península Ibérica a finales del siglo XVI". In *Actas del V Congreso Internacional de Caminería Hispánica, tomo II. Caminería histórica y turística, Valencia 2000*, 955-968. Madrid: Centro CIL II España (http://www2.uah.es/imagenes_cilii/articulos/Articulo029.pdf).
- TELLECHEA IDÍGORAS, José Ignacio. 1965. "Un peregrino veneciano en Compostela en 1581 (El diario inédito de B. Bordelot)". *Compostellanum. Sección de Estudios Jacobeos* X(2): 159-171 (331-343).
- TOGNETTI, Sergio. 1999. *Il Banco Cambini. Affari e mercati di una compagnia mercantile-bancaria nella Firenze del XV secolo*. Firenze: L. S. Olschki.
- TOGNETTI, Sergio. 2004. "'Fra li compagni palesi et li ladri occulti'. Banchieri senesi del Quattrocento". *Nuova Rivista Storica* LXXXVIII: 27-102.